

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIA
14 de setembro de 2022

DANIEL & DANIELA / 2022

um filme de Sofia Pinto Coelho

Realização: Sofia Pinto Coelho / **Fotografia:** Pedro Castanheira / **Som:** Bernardo Theriaga / **Montagem:** Carlos Madaleno.

Produção: Ukbar Filmes (Portugal), SIC / **Produtores:** Pandora da Cunha Telles, Pablo Iraola / **Director de Produção:** Cláudia Alves **Cópia:** da Ukbar Filmes, DCP, cor, 77 minutos, versão original com legendas em português / **Estreia em Portugal:** 15 de setembro de 2022.

Com as presenças de Sofia Pinto Coelho, Daniel Nunes e Daniela Nunes

Em tempos, a propósito da sua biblioteca, uma das maiores do mundo sobre África lusófona, entrevistei o protagonista deste documentário, Daniel Nunes. Pelo meio, conheci a filha, Daniela, e apercebi-me da extraordinária relação entre eles.

O pai tinha oitenta e três anos e a filha doze. Era uma diferença abissal relativamente aos afrodescendentes que conheci durante a reportagem "Renegados" (SIC-TV), que não conseguiam obter a nacionalidade portuguesa, apesar de terem nascido ou crescido em Portugal. Relataram-me os vexames de que se sentiam alvo pelo mero facto de serem negros. Falaram-me de abusos policiais, de preconceito judicial e da subtil segregação que persiste nas escolas. Chocou-me sobretudo que, ao fim de tantos anos no nosso país, nunca tivessem conseguido ganhar visibilidade e erguer a sua voz.

Foi então que decidi fazer este documentário. A proposta foi uma viagem às raízes. Começámos em casa de Daniel, no meio da sua impressionante biblioteca e partimos para Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau; mergulhámos nas vivências do octogenário nestes países onde cresceu, casou, teve filhos e foi agrónomo.

As personagens foram ganhando vida própria, ao sabor dos imprevistos: nenhum local, situação ou diálogo foi planeado ou encenado. A única bússola foi Daniel Nunes, à medida que ia contando histórias à sua filha. Mas Daniel e Daniela, mais do que uma jornada intimista, é uma reflexão sobre o colonialismo e a importância da verificação dos factos históricos (nomeadamente a sua abordagem nos programas escolares); a fuga de "cérebros" dos países africanos; o desenvolvimento e a dependência de África da ajuda externa; a escravatura, a presença europeia e, obviamente, portuguesa, em África; a presença e saída dos colonos portugueses; a miscigenação e, por consequência, a herança cultural que este passado comum nos deixou.

Foi assim que acompanhámos um mestiço, que foi um alto quadro do funcionalismo público colonial, e que, depois da descolonização, ultrapassou, sem rancor, as agruras dos que tiveram de refazer as suas vidas. Daniel Nunes não guarda ressentimentos e assume os seus

laivos de luso-tropicalismo. Concorde-se ou discorde-se, é uma testemunha privilegiada da História. Através dele, acompanhámos quase cem anos de história colonial.

Foi da maior importância incorporar vários arquivos, a maior parte deles, inéditos, incluindo o espólio do próprio Daniel Nunes pertencente à sua família; a rara e historicamente importante fotografia "Uma das últimas levas de escravizados, Litoral de Moçambique, 1902"; a coleção Ângela Camila Castelo Branco e António Faria, com imagens do início do período colonial português; ou a série sobre "A fuga dos 100", cedida por Kimball Jones e os filmes em 8" realizados pelo meu avô nos anos 1950, durante a sua viagem marítima até Angola e Moçambique; entre muitos outros.

Foi depois de ficar viúvo que Daniel Nunes trouxe a filha para Portugal, para ela usufruir de uma escola melhor. Entre lições, risos e cumplicidades, vamos assistindo à evolução de uma pré-adolescente perante um pai exigente. Daniela tinha nove anos quando chegou e agora já não quer regressar à Guiné-Bissau. É essa a questão que Daniel lhe vai colocando sabendo, de antemão, qual a resposta. Talvez daqui a uns anos, ela própria sinta a mesma duplicidade de pertenças do pai.

Portugal foi o primeiro país colonizador da era moderna e o último a sair de África. O estudo deste passado manteve-se, durante muito tempo, agrilhado dentro das paredes académicas onde pontificavam os intelectuais de direita. Essa ortodoxia corre agora o risco de ser substituída por uma outra, igualmente perniciosa, a dos intelectuais de esquerda. Ouvir Daniel Nunes, um «não branco», obriga-nos a refletir sobre o papel dos não-académicos na construção da História. A agilidade com que, aos 83 anos, canta e dança, faz trabalhos de marcenaria, trata da sua imensa biblioteca, poda as árvores do quintal e educa a filha, é um prodígio da vida que claramente define o seu papel nesta história/História: "Eu nunca quis fazer política, nem ter amarras. Talvez a minha biblioteca tenha sido a minha forma de luta."

Sofia Pinto Coelho